

Duas Vezes no Mesmo Rio: *Ser e Devir*, de Virgílio Ferreira

Por Tim Clark

Heráclito, o filósofo grego de temperamento algo mordaz, que vivia por volta de 500 a.C., determinava que a mudança é o elemento da vida mais constante e essencial, ao declarar que «ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio». Em termos mais específicos, este aforismo tem sido interpretado, por um lado e em larga medida, como comparação da existência ao curso de um rio – visto que tudo passa e nada permanece –, mas também, por outro lado e talvez com importância maior, como reflexão sobre a impossibilidade de entrar em contacto duas vezes com um ser mortal na mesma condição.

Esta afirmação poderia também servir de critério para a discussão do novo trabalho do fotógrafo português Virgílio Ferreira, intitulado *Ser e Devir*. Alicerçado num método fotográfico simbólico e literário, esta série é uma meditação de carácter subjetivo e imaterial sobre as vidas e ambientes de vários trabalhadores migrantes que atravessam a Europa, tendo deixado o seu país natal para começar uma vida nova numa terra nova, principalmente por razões económicas.

Coragem, agitação, promessa de oportunidades, privação de liberdade, dignidade e heroísmo, sem excluir a possibilidade de exploração e pobreza – a derradeira ética capitalista –, são tudo elementos essenciais da experiência migratória. Contudo, mais do que explorar circunstâncias materiais ou sociopolíticas, Ferreira procura evocar sentimentos profundos, abrindo um espaço percetual para a reflexão sobre a construção de «identidades híbridas e sobre a polaridade que é viver em e entre culturas, idiomas, paisagens e fronteiras» – tema maior que se encontra encapsulado e transparece nas figuras que retrata. Da mesma forma, o seu trabalho não se reduz a uma simples história, pois o contexto e as localizações são inefáveis, não permitem operar numa ótica documental. Pelo contrário, Ferreira opta por propor a ideia de que os seus protagonistas são, na verdade, parte de um fenómeno muito mais vasto, coletivo e que, sendo assim, a sua abordagem ao tópico da imigração deve ser relacionada com questões mais abrangentes, de memória e identidade, mobilidade e fronteira.

O que Ferreira também nos oferece engloba conceitos como «Terceiro Espaço», «Velho» e «Novo», tal como explica: «Segundo alguns académicos, o Terceiro Espaço é uma interação e articulação entre duas ou mais culturas e linguagens. O Velho e o Novo são estados de ser; negociações entre os espaços sociais, nacionais, espaços geográficos e linguísticos. Homi Bhabha afirma que estas negociações constituem o “processo de hibridismo cultural”, que “origina algo diferente, algo novo e irreconhecível, uma nova área de negociação, de significado e representação”.»

Na sua pesquisa puramente analítica de significado, uma das estratégias fotográficas que Ferreira emprega para materializar este sentido de dualidade é o díptico – cenários onde fomenta correlações profundas entre espaços, superfícies e pessoas que fotografou e selecionou para os justapor. Muitos deles associam homens ou mulheres solitários, por vezes em pares, outras o mesmo indivíduo, parecendo deslocados no contexto em que estão. Vejamos um exemplo deste último caso, o díptico que apresenta dois retratos – um a preto e branco, o outro a cores – de uma mulher de meia-idade perdida no seu próprio mundo interior. Imaginamos a sua nostalgia e abandono. Acima de tudo Ferreira localiza, entende e descreve a tipologia da problemática humana a partir de sentimentos de isolamento e nostalgia, acumulando melancolia sobre melancolia.

Mas há também qualquer coisa de profundamente empático e de afirmação de si nesta imagem: o seu passado existe enquanto memória autónoma, o futuro enquanto esperança e expectativa, e os objetivos e as recordações que alimenta são os tijolos que ligam os dois.

Em paralelo, tal como acontece em toda a série, testemunhamos claramente o sentimento de desenraizamento num país estrangeiro ou uma visão de si próprio através do filtro da diferença numa cidade adotada. Com o seu retrato inequivocamente psicológico do indivíduo, este tipo de fotografia especializa-se em silêncios e ocultamentos, descobre e desperta, até, uma sensação de anonimato. Como tal, poderia argumentar-se que Ferreira faz desta a sua verdadeira temática.

Estes pensamentos intensificam-se quando paramos para refletir sobre as atmosferas distintas que emanam do interior das imagens ou entre elas. A fotografia de Virgílio Ferreira não segue o curso do drama dos acontecimentos,

rituais ou ações espontâneas, optando antes por uma linguagem de complexidade que vive de ambiguidades para tornar visível um sentimento inquietante de solidão e alheamento. Talvez por isso mesmo grande parte das fotografias de *Ser e Devir* não parecem ser mais do que pessoas errantes em momentos de repouso. Como escreve Ferreira, com isto em mente: «A minha intenção não é apenas descrever a presença humana do emigrante, mas os aspectos emocionais ou inscrições (no rosto e corpo) que possam ter uma qualidade vaga ou imaterial, mas que sejam sintomáticos e capazes de revelar qualquer coisa.»

Este qualquer coisa é incrivelmente subtil e matizado. Estas fotografias, quietas mas intensas, mostram-nos indiscutivelmente figuras, mas que são sistematicamente diluídas, ora focadas, ora desfocadas, em fundos extensos, enquanto, outras vezes, a representação dá lugar a manchas ou se situa, simplesmente, no limite da visibilidade. As imagens de Ferreira apresentam-se fluidas, soltas e transitórias, tal como os sujeitos que retrata. Jogam com traços difusos, obstruções e camadas de luz recortada para nos encerrar em momentos em que elementos do passado e do futuro se amalgamam com o presente.

Isto é particularmente flagrante nos trabalhos em que Ferreira utiliza a exposição múltipla (sem recurso a manipulação digital), em que uma metade se constitui como uma imagem especular da outra, e ambas se fundem perfeitamente na composição e na luz. O seu objetivo, tal como afirma, «é criar uma noção de continuidade entre o “aqui” e o “ali”, onde dois tempos se sobrepõem no mesmo lugar». O exemplo mais flagrante deste fenómeno é um grande plano de água a passar por cima de uma pedra num rio, que parece que foi deslocada e refotografada. A composição que daí resulta cria uma impressão simultaneamente desconcertante e poderosa; impregna a fotografia de uma forma de alegoria e de uma expressão da dicotomia entre presença e ausência.

Num certo sentido, as fotografias de *Ser e Devir* afiguram-se mais como uma coleção de provérbios dirigidos para certas verdades universais. Qualquer coisa está aqui a acontecer que anuncia uma união dos opostos, uma tese do fluxo universal que, no fundo, realça o quanto as coisas, no devir do tempo, são

e não são o mesmo. O agora é o então: o que veio antes, vem depois. Eis
Virgílio Ferreira, defendendo Heráclito em 2014.